

# WHATSAPP E POSSIBILIDADES MULTIMODAIS EM ARTICULAÇÕES COM LETRAMENTOS DIGITAIS

LORENA/SP MAIO/2017

MARIA CRISTINA MARCELINO BENTO - CENTRO UNIVERSITARIO SALESIANO TERESA DÁVILA -  
criscabento@gmail.com

JONATHAN FLORENTINO DA SILVA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS -  
jonathan@ingles.esp.ufmg.br

NEIDE APARECIDA ARRUDA DE OLIVEIRA - CENTRO UNIVERSITARIO SALESIANO TERESA DÁVILA -  
mnliveira9@gmail.com

**Tipo: INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA (IC)**

**Natureza: RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA**

**Categoria: MÉTODOS E TECNOLOGIAS**

**Setor Educacional: EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA**

## RESUMO

*As ferramentas possibilitadoras da comunicação instântanea são parte indissociável das práticas de interação humana no contexto social do qual trata esta pesquisa. Pelo fato de romper com limites de espaço-tempo, mídias como WhatsApp são utilizadas em atividades inúmeras por meio de textos híbridos, o que propicia o contato multimodal. Nesse âmbito, a construção de sentidos, mais imediatista e por vezes em tempo real, demanda a capacidade do usuário de decodificar e relacionar itens de natureza verbal, visual e sonora, o que potencializa uma função minimalista à comunicação, sendo que um meme, apropriando-se de um sentido socialmente construído, pode assumir a simbologia de uma sentença verbal sem a necessidade de que ela seja postulada. Entretanto, observa-se que a proposta curricular do ensino formal considera de maneira mais elevada as práticas de letramento da letra, atentando bem menos para os letramentos digitais e para a multimodalidade e seus impactos e inserções no processo de ensino-aprendizagem, inclusive de língua, foco deste trabalho. Desse modo, o objetivo deste estudo é explorar as possibilidades multimodais para ensino-aprendizagem de inglês como língua estrangeira em seus aspectos comunicacionais e de construção de sentidos. Também, refletir acerca da valorização de outras mídias para a educação, como os emojis, áudios de whatsapp, memes, e suas representações no discurso identitário de seus grupos sociais. O estudo foi realizado à luz de Rocha (2010), Rojo (2016), Silva (2012) e Soares (2009) no que se refere a letramento, e Santaella (2005; 2013) acerca de cultura e ciberespaço.*

**Palavras-chave: WhatsApp. Multimodalidade. Letramento digitais.**

## INTRODUÇÃO

A comunicação desempenha papel vital para condição de sobrevivência, existência e formação de identidade, e vale também uma retomada acerca das mudanças pelas quais as formas de se comunicar têm se moldado e seus impactos no cenário educacional. Nesse ponto, é inegável que as tecnologias digitais produzem novas formas de linguagem e meios de construção de sentidos mais rapidamente do que as iniciativas das escolas de atender a tais demandas. Em contraponto, há as escolas em sua maioria que ainda valorizam mais largamente as formas de letramento da letra (ROJO, 2016).

No que se refere a uma pedagogia com propósito de letramento exclusivo da letra, tem-se o reflexo direto no currículo da educação regular que pouco avançou em relação às propostas de letramentos digitais. Tópicos como webcurrículos surgem, então, como iniciativa à valorização da tecnologia, não estritamente com máquinas e acesso ao ambiente online, mas como pedagogia, incorporando uma visão de escola, sociedade e produção científica. Nessa visão, existe uma ampliação de reconhecimento e valorização de práticas de cultura local (ROJO, 2016). É nessa pedagogia do protagonismo que as premissas de complexidade dão espaço às práticas de multiletramentos (ROCHA, 2010).

Dada à necessidade de a escola buscar diálogo com os ambientes digitais, há um ponto que se mostra pertinente a esta pesquisa, a larga produção de gêneros textuais e suas dimensões de leitura e escrita. Uma vez que a tecnologia promove constante interação social, o espaço virtual torna-se rico e nele/para ele estruturas verbais, visuais e sonoras são construídas, recortadas, postadas, compartilhadas, atingindo um público plural, o que acaba criando significados diversos de acordo com que esses textos interagem com leitores de formação diferenciada. O termo formação aqui se refere à bagagem cultural desses webleitores.

Tomando o pressuposto de que texto e leitor interagem em busca da construção de sentidos que não estão prontos, também que esses leitores leem de formas diversas de acordo com suas formações, e que ainda buscam textos dos mais variados, há outro apontamento significativo que versa sobre a leitura como subsídio para a reprodução e processo de posicionamento do leitor como produtor. Isso significa que esse webleitor que interagiu com determinado texto e com ele estabeleceu sentidos também será produtor, atuando sobre esse texto “base” e propondo novas formas de linguagem. Disso temos um ciclo de ressignificação de leitura e escrita no ambiente virtual, processo esse que na maioria dos casos é mais rápido que a leitura de um parágrafo

neste presente artigo. Em escala global, tem-se uma avalanche de produções online diariamente. Surge, então, o seguinte questionamento: como a educação pode lidar com tais produções de modo a legitimá-las como possibilidades de ensino e aprendizagem por meio de tecnologias móveis como é o caso do *WhatsApp*?

## 1. WHATSAPP E SUAS POSSIBILIDADES

O aplicativo *WhatsApp* foi desenvolvido no ano de 2009 e desde então ganha mais espaço nas rotinas dos usuários. Por suas inúmeras funções e ausência de custo, popularizou-se e ocupa espaço em tarefas diversificadas, sendo usado na maioria dos casos em aparelhos smartphones e, como aponta Constine (2017), a rede social tem atualmente 1,2 bilhão de usuários mensais, que enviam 60 bilhões de mensagens por dia – incluindo 3,3 bilhões de fotos, 760 milhões de vídeos e 80 milhões de GIFs.

Além de o envio de mensagens de texto não dispor de custo algum, o que já traz vantagem sobre o sistema de mensagem de texto SMS, há uma galeria facilmente acessível com emojis variados, desde expressões faciais a bandeiras de países, ícones de praia e de comida. Grande parte das mensagens está repleta desses símbolos. As mensagens também podem seguir com imagens anexadas a partir da galeria do celular ou tiradas no momento, algum link de gif, localização física, número cadastrado na agenda. Outra função é a de áudio em que o usuário pode gravar uma mensagem de voz em vez de teclar ou, se preferir, pode realizar uma chamada de áudio ou vídeo em tempo real. A criação de grupos também é outra possibilidade nesse aplicativo e, como lançamento mais recente, em 20 de fevereiro de 2017, a empresa anunciou a liberação da função stories.

A função stories permite a postagem de imagens e vídeos de acordo com o desejo do usuário, e essa postagem permanece como status por um período de vinte e quatro horas. A função não é inovação já que Instagram e Facebook já dispunham da mesma função. O co-fundador da marca, Jan Koum, vê a atualização como “simples e segura” já que “até nossas atualizações de status são criptografadas de ponta a ponta” (CUSTÓDIO, 2017). A empresa busca reforçar, desse modo, a credibilidade e a segurança da marca.

## 2. LEITURA, ESCRITA E MULTIMODALIDADE

Tratando do uso do *WhatsApp* em um smartphone, o que mais chama atenção em um primeiro momento é o fato de a tela de contato do aplicativo não ser exclusiva. Ao passo que um usuário está a responder uma mensagem, há abas ou subtelas previamente

abertas, que variam em conteúdo, podendo se tratar de outra rede social, um game, uma pesquisa para a escola, um site de compras etc. Isso pressupõe que o indivíduo no ciberespaço administre suas telas de acordo com suas necessidades e é capaz de trocar seu contato com textos diversos instantaneamente, quase sempre sem comprometer sua interação.

Em um segundo momento, é relevante notar que em uma tela qualquer é praticamente rara a ocasião em que o usuário encontra-se apenas com texto escrito ou apenas com uma imagem, e quando isso acontece é por um curto período de tempo. Em sua grande maioria, as páginas da web estão repletas de textos de diferentes naturezas, ou seja, existe hibridismo. Que se observe como exemplo uma tela de conversa do *WhatsApp*: nela há um fundo, que pode ser neutro ou customizado com uma imagem que o usuário desejar, nome e foto do contato na parte central superior, ícones para envio de conteúdo, foto, gravação de áudio e chamada de áudio e vídeo, além das próprias mensagens previamente enviadas. Isso significa que o tempo todo o usuário está em contato com formas variadas de textos.

Considerando que um usuário converse com outros usuários em um dado momento, esses estarão mais expostos ao ciberespaço e mais complexo será o processo de construção de sentidos, visto que os assuntos e tons do diálogo variam de acordo com quem se fala e para quem se fala. Isso traz à tona a possibilidade de o usuário “ocupar dois lugares no ciberespaço ao mesmo tempo” (SANTAELLA, 2013, p. 134). Ainda, como bem aponta Santaella (2005), assim como as relações passam a coexistir e ocupar plano, a linguagem utilizada se modifica. Traços de verbalização, típicos da oralidade, aparecem na comunicação, o uso de gírias e abreviações de um determinado grupo se identifica e cria mais identidade para aqueles usuários.

Essa modificação na forma de uso da linguagem se altera de tal modo que em grupo de *WhatsApp*, por exemplo, um usuário pode perder oportunidades de comunicação se não está atualizado com uma expressão ou abreviação que se tornou popular ou, ainda mais, com uma imagem como um meme que depende de uma retomada indireta de significação.

### **3. LETRAMENTOS DIGITAIS: ALGUMAS ARTICULAÇÕES**

Antecedendo uma reflexão acerca dos letramentos digitais, vale pontuar a evolução do conceito de letramento e sua distinção da alfabetização e, ainda, suas particularidades quanto à tradicional e à digital.

Como bem aponta Soares (2009), a alfabetização tradicional se dá a partir de práticas de ensino do código e suas estruturas. Esse processo pressupõe identificação e formação de palavras, sentenças e discursos nos domínios de leitura e escrita. A isso costumeiramente dá-se o nome de letramento da letra, uma vez que o aprendiz é capaz de decodificar e, como pontua Silva (2012) produzir gêneros discursivos mais simples. Quanto à alfabetização digital, pode-se afirmar que na maioria dos casos os alunos entendem bem mais o código do que o próprio professor. Devido ao fato de grande parte não conhecer um período de comunicação sem mídia social, sem falar os nativos digitais, a alfabetização digital ocorre naturalmente como necessidade de interação e de construção de identidade.

Refletindo sobre letramento, pode-se pensar que “[...] o desenvolvimento social, cultural, econômico e político traz novas, intensas e variadas práticas de leitura e de escrita, fazendo emergirem novas necessidades” (SOARES, 2009, p. 46), o que impacta diretamente o modo como a linguagem se molda. Assim aconteceu com o desenvolvimento da imprensa, do telefone, do e-mail – esses marcos na comunicação revolucionaram as necessidades e geraram demandas de como e para que se faz linguagem. Por isso, as mídias digitais dispõem de um novo campo de estudo que se denomina letramento digital.

Desse modo, adota-se aqui a distinção entre alfabetização e letramento como apresentado por Soares (2009). Para a autora, alfabetização então se refere à “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever”, ao passo que letramento “estado ou condição de quem não apenas sabe ler ou escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” (SOARES, 2009, p. 47).

Após essas concepções, pode-se entender que à medida que alfabetização diz respeito ao código da leitura e da escrita, esse processo apresenta caráter finito, ou seja, conclusivo. Há um determinado momento em que o sujeito por si é capaz de ler e escrever. Isso também acontece na alfabetização digital. Um usuário que se inicie no *WhatsApp* terá algumas etapas de alfabetização até aprender com segurança a usar a mídia, mas esse processo se findará ao passo que esse sujeito domine a ferramenta. Então, o processo de alfabetização, tradicional ou digital, é finito.

O mesmo não acontece com o letramento. Já que ele se refere às práticas sociais e essas estão em constantes mudanças por vários aspectos, seu caráter é infinito. Desse modo, uma pessoa alfabetizada está a todo tempo recebendo formação de letramento, seja em aspecto tradicional ou digital. Silva (2012) apresenta de forma didática essa concepção, de acordo com a figura a seguir:

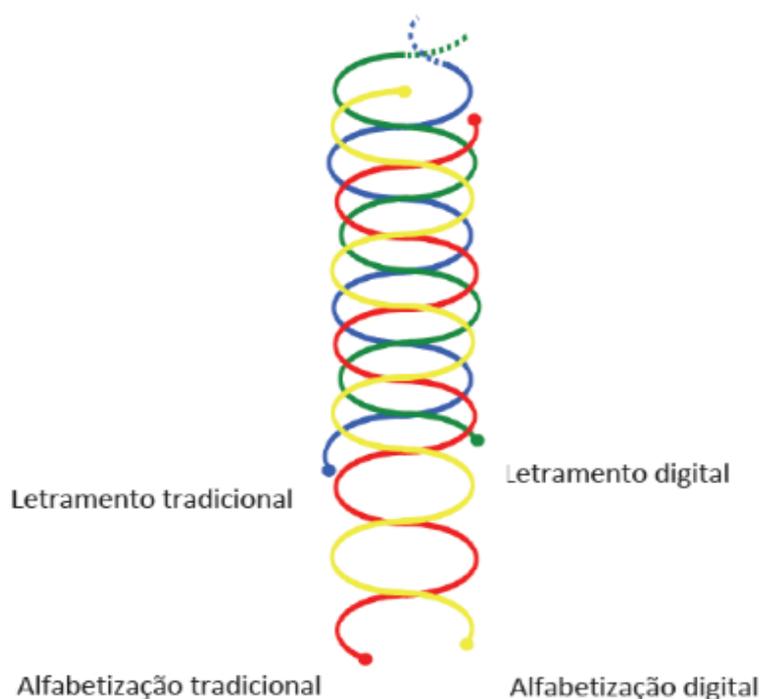


Figura 1. Alfabetização e letramento. Fonte: SILVA, 2012.

As linhas vermelha e amarela correspondem, respectivamente, aos processos de alfabetização tradicional e alfabetização digital. As linhas azul e verde aos processos de letramento tradicional e letramento digital. Observe que os processos de alfabetização iniciam-se antes e, em determinado momento, encontram-se com os de letramento. Depois de certo tempo de coexistência, a alfabetização se finda e o letramento tende ao infinito. Isso pode ser claramente explicado. Para que haja prática estratégica (letramento), é preciso que antes aconteça certa aprendizagem do código e, quando esse código é aprendido, restam apenas práticas letradas. E, sobre isso, Rojo (2016) é enfática ao dizer que letramento é prática.

#### 4. WHATSAPP E POSSIBILIDADES DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Voltando os olhos para algumas discussões, visto que há várias, desde a alfabetização digital do professor à prática de letramento digital nas aulas e o quê/como ensinar, esse trabalho foca em práticas de letramento digital via *WhatsApp*, considerando que ambos, professor e alunos, apresentavam alfabetização em relação à mídia. As práticas objetivaram valorizar diferentes formas de linguagem e desenvolver prática social nas aulas de inglês. O público formado por jovens e adultos de uma instituição privada de ensino de idiomas do interior do estado de São Paulo.

Uma atividade se deu por meio do uso de *emojis* na sala de aula. O professor criou um

grupo e inseriu os alunos, de modo que, como objetivo linguístico, o foco era a prática do tempo verbal passado simples (*simple past*), e como objetivo social explorar a construção de sentido por meio dos *emojis* e como os alunos se comunicavam pelo uso daquela forma de expressão. Assim, o professor solicitou aos alunos que contassem brevemente o que haviam feito em um feriado. Porém, o relato não poderia ser feito por palavras, mas apenas por *emojis*. Os alunos então foram solicitados a postar seus relatos curtos no grupo, de modo que todos tivessem acesso. Após a postagem de todos os alunos, o professor solicitou que cada aluno de modo individual escolhesse um relato e respondesse ao seu emissor. A resposta deveria ser a transcrição em palavras do que havia sido postado. Caso a resposta estivesse correta, o emissor faria sinal positivo, caso contrário, tentaria dar mais dicas apenas usando *emojis*. Alunos que terminaram mais rapidamente foram solicitados a auxiliar outros que ainda estavam trabalhando na atividade. A atividade se encerrou no momento em que todos os relatos haviam sido transcritos. Então, o professor solicitou que os alunos reportassem suas atividades de modo oral, fazendo uso da estrutura que já haviam aprendido em uma prática oral controlada. A proposta pode ser vista na imagem seguinte.

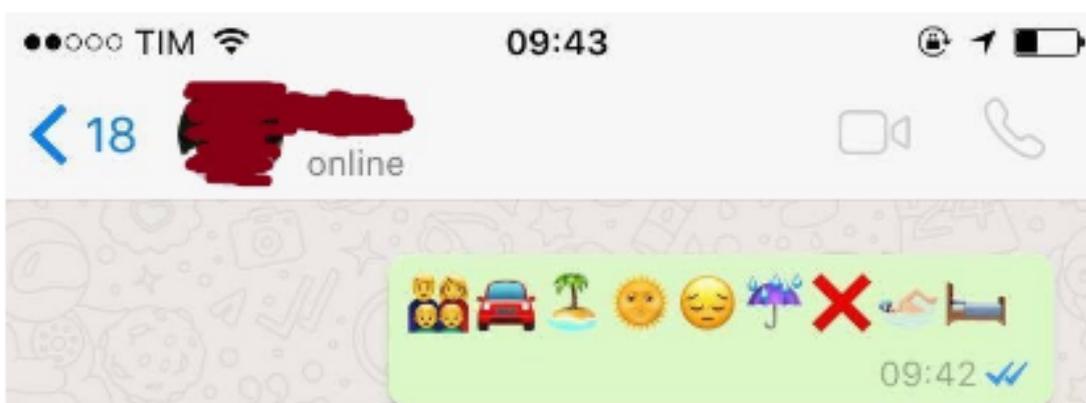


Figura 2. Atividade de *WhatsApp*. Fonte: do autor.

A mensagem nesse caso é: “*Last Holiday my family drove a car to the beach. It was very sunny, but I was very sad because it started raining and I could not swim. So, I came back home.*”

Outra atividade teve como foco linguístico a prática da estrutura “**Have you ever...**?” e como foco social a discussão do *bullying* e *cyberbullying*. Os alunos foram solicitados a realizar uma entrevista com algum amigo que fale inglês ou, em caso de não disporem de alguém, com um aluno de outra turma da instituição ou até mesmo algum professor. As perguntas eram: 1 - *Have you ever suffered bullying?* (Você alguma vez sofreu bullying?); 2 - *Have you ever witnessed bullying?* (Você já testemunhou bullying?); 3 -

*Have you ever discussed it in any class? (Você já discutiu isso em alguma aula?); 4 - Have your parents ever talked to you about it? (Seus pais já conversaram contigo sobre isso?); 5 - Have you ever had a talk with someone who suffered it? (Você já conversou com quem já sofreu isso?).* A partir dessas perguntas, os alunos receberam a tarefa de realizar uma entrevista por áudio. Assim, o aluno A enviava uma mensagem de voz com as perguntas e a pessoa B respondia também por mensagem de voz. Poderiam realizar a tarefa quantas vezes julgassem necessário, contanto que a produção final fosse enviada ao grupo da turma, assim todos poderiam ouvir as respostas. Os entrevistados não foram identificados e a tarefa aconteceu como dever fora da sala de aula. Na aula seguinte, o professor reproduziu os áudios e refletiu acerca da problemática tendo, como produção final, a elaboração de um infográfico tratando das estatísticas apresentadas nas entrevistas. O infográfico foi enviado aos entrevistados via *WhatsApp*.

Uma atividade de prática oral e reflexão sobre a aprendizagem denominou-se *audio diary*. Após cada aula um aluno era escolhido para compartilhar no grupo alguma experiência da respectiva aula. Os relatos tinham como requisito o formato áudio. Os alunos poderiam versar sobre uma atividade que gostaram, uma dificuldade, uma estratégia para solução de problemas, uma sugestão ou qualquer outra coisa que julgassem pertinente. A tarefa mostrou-se simples uma vez que não sobrecarregava os alunos (eles tinham outras tarefas) e funcionou como um diário reflexivo de forma coletiva. Além desses alunos encarregados de cada postagem, o espaço era também aberto para quem desejasse contribuir de forma voluntária.

## **5. CONCLUSÃO**

Práticas de letramento digital e suas contribuições para a educação são questões que permeiam, sem dúvida alguma, pesquisas e reflexões do momento atual. O ensino e sua interface com as novas tecnologias criam demandas e necessidades de práticas de uso da linguagem que devem abordar o espaço local e o global. Como apontado por esse trabalho, a construção de sentidos e identidade no ciberespaço é um traço essencial para o bom uso das mídias digitais. A partir disso, essas reflexões e propostas aqui referidas abrem caminho para outras tantas abordagens acerca da valorização de formas de linguagem variadas e mídias digitais como o *WhatsApp*.

## REFERÊNCIAS

CONSTINE, Josh. WhatsApp launches status, an encrypted Snapchat stories clone. Techcrunch. <https://techcrunch.com/2017/02/20/whatsapp-status/>. Acesso em 29 de abril de 2017.

CUSTÓDIO, M. WhatsApp Status: função “stories” chega também ao aplicativo de mensagens. Resultados Digitais. <http://resultadosdigitais.com.br/blog/whatsapp-status-funcao-stories-chega-ao-aplicativo/>. Acesso em 29 de abril de 2017.

ROCHA, C. H. Propostas para o Inglês no Ensino Fundamental I Público: Plurilinguismo, Transculturalidade e Multiletramentos. 2010. 243 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.

ROJO, R. Pedagogia dos Multiletramentos. Programa Escrevendo o Futuro. 2016. <https://www.youtube.com/watch?v=IRFrh3z5T5w>. Acesso em 30 de junho de 2017.

SANTAELLA, L. Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal. 3ª Ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

\_\_\_\_\_. Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação.

São Paulo: Paulus, 2013.

SILVA, S. P. Letramento digital e formação de professores na era da web 2: o que, como e por que ensinar? Hipertextus Revista Digital, nº 8, jun 2012.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.